

## A EXPRESSÃO DO PASSADO IMPERFECTIVO NOS PLANOS DA NARRATIVA: FUNÇÕES CODIFICADAS CATEGORICAMENTE E VARIAVELMENTE

Valdecy de Oliveira Pontes<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, tratamos do pretérito imperfeito e das perífrases imperfectivas e a sua relação com os planos discursivos figura e fundo. Deram suporte a nossa pesquisa, dentre outros, pressupostos do Funcionalismo Linguístico (HOPPER e THOMPSON, 1980; GIVÓN, 1990) e da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1978). Nossos dados provêm de vinte e quatro contos escritos por autores de língua espanhola, selecionados a partir do parâmetro comarca cultural: Caribe; México e América Central; Andes; Rio da Prata; Chile e Espanha. Obtivemos um total de 2093 dados, sendo que 1803 desses são de formas do pretérito imperfeito do indicativo, 86,15% do total, e 290 de perífrases imperfectivas de passado, o que corresponde a 13,85% do total.

**Palavras-chave:** Planos discursivos. Perífrases imperfectivas. Pretérito imperfeito.

**Abstract:** In this article, we deal with the imperfect past tense and imperfective periphrases and discursive levels foreground and background. As theoretical backgrounds, among others, we used Linguistic Functionalism (HOPPER and THOMPSON, 1980; GIVÓN, 1990) and Variation and Change Theory (LABOV, 1978). Our data comes from twenty four short stories written by Spanish language writers, selected based on the cultural region parameter: Caribe; Mexico and Central America; Andes, Rio da Prata; Chile and Spain. It was obtained a total of 2093 data: 1803 of them are imperfect past tense of indicative forms, that is, 86,15% of the total, and 290 are imperfective periphrasis of past, that is, 13,85% of the total.

**Keywords:** Discursive levels. Imperfective periphrasis. Imperfect past tense.

### 1 Introdução

Se considerarmos as formas aspectuais, no plano textual-discursivo, para Hopper e Thompson (1980), o Aspecto perfectivo<sup>2</sup> apresenta alta transitividade na narrativa, por outro lado, o Aspecto imperfectivo aponta para baixa transitividade, por exemplo, há o uso de formas verbais do imperfeito como fundo (detalhes, descrições) e de formas do perfeito na ordenação dos fatos da narrativa, indicando progressão. Segundo Muñoz y Soto (2000), a figura corresponde à informação tida como essencial e diz respeito ao desenvolvimento do relato, mediante a apresentação sequencial dos fatos que a constituem e equivale ao esqueleto situacional. Por outro lado, o fundo equivale ao que é considerado como acessório na narração, por exemplo, proposições descritivas, detalhes e comentários.

No entanto, um problema encontrado nessa teoria é que, numa narrativa, encontramos, também, formas perfectivas atuando como fundo da narrativa e formas imperfectivas atuando na progressão dos fatos, como também, outras funções para estas formas, por exemplo, formas imperfectivas atuando na progressão da narrativa para conferir um efeito de lentificação da ação, com o objetivo de criar uma atmosfera de suspense. É necessário que se discuta essa distinção clássica vigente até hoje. Além disso, algumas vezes, é difícil delimitar com precisão o que é figura e o que é fundo na narrativa, pois não se trata de categorias discretas. Logo, seria oportuno um estudo que mapeasse as reais funções que as formas

---

<sup>1</sup>Professor Adjunto de Língua Espanhola do Departamento de Letras Estrangeiras (UFC), um dos líderes do Grupo de pesquisa-CNPq: Pesquisas Sociolinguísticas em Língua Estrangeira (SOCIOLIN-LE). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - POET - UFC. E-mail: valdecy.pontes@ufc.com.br

<sup>2</sup> Podemos conceber o Aspecto como uma categoria que caracteriza os diferentes modos de perceber a constituição temporal de uma determinada situação. Essa constituição, segundo Comrie (1990), pode dar-se sem distinção de etapas (Aspecto perfectivo) ou em sua constituição interna (Aspecto imperfectivo). Desse modo, o perfectivo expressa uma situação como um todo, ou seja, ela é tratada como um objeto único, sem parcializá-la ou dividi-la em fases internas distintas. Por outro lado, com o imperfectivo, o fato é expresso em sua constituição temporal interna.

perfectivas e imperfectivas desempenham nos textos narrativos e analisasse, ainda, o fenômeno de variação linguística.

Neste artigo, analisamos os planos discursivos e o uso do pretérito imperfeito do indicativo e das perífrases imperfectivas de passado. Primeiramente, na seção teórica, apresentamos algumas considerações sobre as funções das formas imperfectivas de passado em espanhol e os planos discursivos figura e fundo; na seção de natureza metodológica, apresentamos o *corpus* utilizado para a pesquisa, os grupos de fatores considerados e observações sobre a análise estatística; segue-se a essas seções a análise, na qual correlacionamos postulados teóricos aos resultados estatísticos atrelados às funções analisadas.

## 2 Planos da narrativa: Figura e Fundo

Nossa análise envolverá o tratamento dos planos figura e fundo na narrativa, razão pela qual consideramos a proposta de Hopper e Thompson (1980). De acordo com esses autores, há correlação entre o relevo discursivo e o grau de transitividade de uma sentença, já que, na organização do pensamento humano e na comunicação, é inevitável a hierarquização de informações, no sentido de estabelecer graus de centralidade/perifericidade, ou seja, numa situação comunicativa, os usuários da língua procuram estabelecer que informações são essenciais (figura) e/ou acessórias (fundo).

Os conceitos de figura e fundo vêm da Gestalt, na Psicologia. De acordo com essa teoria, de fundamento cognitivo, o processo de formação de figura-fundo é dinâmico, a figura depende do fundo sobre o qual aparece; o fundo serve como uma estrutura ou moldura em que a figura está enquadrada ou suspensa, e, por conseguinte, a determina. Hopper e Thompson (1980), a partir desse pressuposto, diferenciam figura e fundo, com base no contexto de interação verbal, considerando que o falante codifica o que percebe como essencial (figura) e o que considera como acessório (fundo).

No tocante ao Aspecto verbal, para Hopper e Thompson (1980), o Aspecto perfectivo apresenta alta transitividade, por outro lado, o Aspecto imperfectivo aponta para baixa transitividade, pois, numa narrativa, por exemplo, há o uso de formas verbais do imperfeito como fundo (detalhes, descrições) e de formas do perfeito na ordenação dos fatos da narrativa, indicando progressão. Como afirma Silva (2007, p. 94):

Na literatura a respeito dos planos discursivos, observamos que os autores, comumente, atribuem o sequenciamento cronológico de um enunciado às formas perfectivas, as quais são ordenadas cronologicamente no discurso e denotam eventos discretos e dinâmicos. Para alguns, as formas imperfectivas não mostram a preocupação do falante com a sequência dos fatos narrados, mas trazem apenas informações adicionais e circunstanciais que se constituem como suporte para os fatos narrados.

(SILVA, 2007, p. 94)

No discurso, segundo Givón (1984), alguns elementos da descrição são considerados a essência, o esqueleto, a linha principal do episódio/descrição/comunicação, constituindo a figura do discurso. Por outro lado, há elementos que são satélites, ficam na margem, são os apoios do episódio/descrição/comunicação, sendo, portanto, o fundo do discurso. Assim, em uma situação de interação, há informações que ficam na centralidade do discurso (figura) e outras, na periferia (fundo). Dessa forma, é a partir da percepção das necessidades do ouvinte que os usuários da língua constroem as sentenças, conforme Pezatti (2004). Segundo Givón (1990), a figura corresponde à essência da história, enquanto que o fundo corresponde às lacunas e digressões.

Para Hopper (1979), a figura<sup>3</sup> (em inglês, *foreground*) prototípica apresenta as seguintes características: sequência cronológica; eventos reais, dinâmicos e completos; sujeitos previsíveis (tópicos), humanos e agentivos; codificação morfossintática através de orações coordenadas, principais ou absolutas; formas verbais perfectivas. O fundo (*background*), por sua vez, caracteriza-se por: eventos simultâneos; eventos não necessariamente completos e reais; situações estáticas, descritivas; situações necessárias para compreensão de atitudes (subjatividade); frequentes trocas de sujeito; estrutura sintática através de orações subordinadas (mas o fundo também pode ser codificado por orações coordenadas, absolutas ou principais); formas verbais não-perfectivas.

Silveira (1997), ao estudar figura e fundo em narrativas, verifica que os planos não são categorias discretas, mas há uma gradação no que tange à figuricidade – que vai da figura até diferentes tipos de fundo. A autora propõe seis categorias que formam esse gradiente:

- Categoria I: é a figura prototípica.
- Categoria II: cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura. Apresentam ou resumem o que vai ser relatado; apresentam o cenário e os participantes; e apresentam a fala dos personagens;
- Categoria III: cláusulas-fundo que especificam o modo, ou a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais);
- Categoria IV: cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas);
- Categoria V: cláusulas-fundo que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas);
- Categoria VI: cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor. Apresentam opiniões, dúvidas, conclusões.

Chedier (2007) simplifica a proposta de Silveira (1997) e faz o agrupamento das seis categorias em apenas três. Ela mantém a categoria I e reorganiza as categorias II e III em uma categoria que denomina de Fundo I, por estarem mais próximas das características de figura. Ademais, reagrupa as categorias IV, V e VI e as considera como Fundo 2, pois, segundo a autora, elas estão mais distantes das características de figura. Dessa forma, temos a seguinte divisão para analisar a gradualidade que vai de figura até fundo, segundo Chedier (2007, p.49 e 50):

- Figura: apresenta sequência cronológica, eventos reais, dinâmicos e completos, sujeitos previsíveis (tópicos), humanos e agentivos; quanto à codificação morfossintática, a figura contém orações coordenadas, principais ou absolutas, e formas verbais perfectivas;
- Fundo 1: apresenta cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura; apresenta o resumo o que vai ser relatado; apresenta o cenário e os participantes; e apresenta a fala dos personagens. Há, também, cláusulas-fundo que especificam o modo ou a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais);
- Fundo 2: contém cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas), que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas); pode conter também cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor, opiniões, dúvidas, conclusões.

---

<sup>3</sup> A partir da relação entre transitividade e organização discursiva figura/fundo, Lima (2009) propôs graus de figuratividade (0 a 4) para analisar o relevo discursivo das orações de não-atribuição de causalidade na Crônica Geral de Espanha de 1344. A pesquisadora analisou quatro contextos: a oração em relação ao período, o período em relação ao parágrafo, o parágrafo em relação ao capítulo e o capítulo em relação ao texto. Ela classificou cada construção quanto ao grau de figuratividade que variou de 0 a 4, de não figura a figura nos quatro contextos.

Em nossa pesquisa, com o objetivo de verificar, nos textos do nosso *corpus*, em quais contextos as formas imperfectivas atuam como fato central (figura) e como informação periférica (fundo), utilizamos a proposta de Chedier (2007). Na próxima seção, elencamos estudos sobre as formas imperfectivas de passado e sua relação com os planos discursivos.

### 3 Valores das formas imperfectivas de passado em espanhol

Realizamos o mapeamento funcional das formas sob análise, com base nos estudos de Garcés (1997), Gutiérrez Araus (1997), Brucat (2001), García Fernández (2004) e Ruiz Campillo (2005), sobre os valores e usos das formas imperfectivas de passado em espanhol. De acordo com Brucat (2001), o espanhol apresenta três valores básicos:

- a) aspecto imperfectivo: expressa ações, processos ou estados do passado em uma visão inacabada (Ao meio-dia, chovia);
- b) coincidência com o passado: expressa ações, processos ou estados do passado como coincidentes temporalmente com outra ação passada existente no contexto (Ela saiu quando eu chegava);
- c) aspecto iterativo, cíclico ou habitual: a ação se verifica um número indefinido de vezes no passado (Saía do trabalho às seis).

Como valores secundários do pretérito imperfeito do indicativo, conforme Garcés (1997), destacam-se:

- a) valor de futuro em relação ao passado: consiste no uso do imperfeito no lugar do condicional simples, paralelo ao uso do presente, muito frequente no discurso indireto (Su amigo dijo que mañanase iba [se iría] de viaje. / Seu amigo disse que amanhã ia [iria] de viagem.);
- b) valor de futuro: consiste em utilizar o imperfeito no lugar do condicional na oração principal de orações subordinadas adverbiais condicionais, para indicar pequena possibilidade de que ocorra o referido fato no futuro (Si viniera esta noche, lepreparaba [prepararía] la cena enun instante. / Se viesse esta noite, preparava-lhe [preparar-lhe-ia] o jantar em um instante.);
- c) valor de desejo: neste caso, o imperfeito apresenta um valor futuro e geralmente está presente em orações cuja entonação é exclamativa (Quéhambretengo! De buena gana me comía un pollo entero. / Que fometenho! De bom grado comeria um frango inteiro.);
- d) iminência de ação que não acontece: indica a tentativa imediata de realizar uma determinada ação de caráter pontual. Esse uso equivale à estrutura *estaba a punto de + infinitivo*. (Yasalia [estabaapunto de salir] de casa cuandollegó tu hermano. / Já saía [estava a punto de sair] de casa quando chegou teu irmão);
- e) valor de presente: quando o falante quer pontuar que seu conhecimento sobre o que afirma não é seguro ou, ainda, quando procura se preservar com relação à veracidade dos fatos que diz (Hoy nos traíanlosmuebles. / Hoje nos traziam os móveis);
- f) valor de surpresa: faz referência a uma realidade presente que não era esperada. Pode indicar, ainda, contrariedade diante de fatos que nos surpreendem e que nos impedem de realizar nossos propósitos (Estabayotan contenta y me vienestúahoraconesa mala noticia. / Eu estava tão contente e você vem agora com essa má notícia.);
- g) valor lúdico: apresenta um distanciamento da realidade. Faz referência a situações que correspondem a uma fantasia, ficção ou figuração (Yoerael pirata y túun oficial de la marina. / Eu era o pirata e você um oficial da marinha.);
- h) valor narrativo: na narrativa, geralmente utiliza-se o pretérito perfeito simples para expressar a ação principal. Por outro lado, utiliza-se o imperfeito com o objetivo de ressaltar ou enfatizar uma determinada ação (Llegó tarde a lareunión, no pidiódisculpas y a lospocos momentos se ibasindecir nada. / Chegou tarde à reunião, não pediu desculpas e em poucos momentos ia sem dizer nada.)

Se retomarmos as considerações de pesquisadores e gramáticos que estudaram com afinco a relação entre os tempos do passado e a organização discursiva ao longo dos séculos, teremos um panorama da evolução dos usos linguísticos das formas imperfectivas de passado em espanhol. Uma das primeiras alusões a esse tópico é formulada por Bello (1847) que, ao apontar os usos do co-pretérito (pretérito imperfeito), o situa com os adjuntos adverbiais e com outros elementos circunstanciais dos fatos, para decorar o drama, ou seja, para caracterizar os personagens e o cenário da narrativa. Weinrich (1973), na proposta sobre os tempos do mundo narrado, coloca o pretérito imperfeito no fundo da narrativa e o pretérito perfeito na figura. Outros estudiosos, como Alcina & Blecua (1975), Matte Bon (2003) e Cano (2005), corroboram essa tese e afirmam que o pretérito perfeito é usado pelos falantes para sequenciar os fatos. Por outro lado, o imperfeito é utilizado para descrever a cena.

No entanto, segundo afirma a RAE (2009), em sua última publicação “Nueva gramática de la lengua española”, o pretérito imperfeito narrativo também é chamado de “ruptura”, porque, geralmente, é usado para apresentar uma ação como desfecho de outras que são introduzidas na continuação da narração. García Fernández (2004) pontua que, nesses contextos, há uma neutralização do valor aspectual imperfectivo com objetivos de cunho estritamente estilístico, no entanto, encontramos formas atuando na progressão da narrativa, sem conferir um valor que fosse necessariamente estilístico, mas atuando no desenvolvimento do relato. Nesse sentido, podemos sugerir que as formas imperfectivas de passado assumiram novas funções no decorrer do tempo, ou seja, sofreram gramaticalização. Bybee (2003) aponta a seguinte característica para as formas que sofreram gramaticalização: generalização e abstratização semântica, logo, há o aumento de seus contextos de uso. Por exemplo, as formas imperfectivas de passado, antes usadas, geralmente, como pano de fundo da narrativa (conforme Hopper (1979) e Hopper e Thompson (1980)), também, passaram a atuar na progressão da narrativa, a partir do uso do imperfeito narrativo na novela decimonônica, de acordo com Bertinetto (1986). A seguir, exporemos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa.

#### 4 Procedimentos metodológicos

Nossos dados provêm de vinte e quatro contos escritos por autores de língua espanhola, selecionados a partir do parâmetro extralinguístico ‘comarca cultural’. A opção por se trabalhar com um *corpus* de contos justifica-se pelo fato de o texto literário nos oferecer um vasto repertório de variantes diatópicas, diastráticas e diafásicas e pela dificuldade para se trabalhar com *corpora* de dados orais que dessem conta da diversidade linguística de todos os países hispânicos. De acordo com Silva (2009), mesmo que, na atualidade, haja uma gama de bancos de dados orais da língua espanhola, há diversidade no que diz respeito à metodologia para a coleta dos dados, ao estilo e às datas. Ademais, o acesso para os pesquisadores limita-se à consulta via internet e à aquisição em formato de mídias. Salienta-se, ainda, a escolha da narrativa como *corpus* por julgarmos apresentar, em maior frequência, as formas aspectuais imperfectivas sob análise (pretérito imperfeito e perífrases imperfectivas), diferentemente do que ocorre com a descrição, com a dissertação e com a injunção. Há certas funções das formas imperfectivas de passado que não estão presentes em *corpus* de língua oral. Por exemplo, seria difícil explicar de forma satisfatória o emprego do imperfeito narrativo, pois este uso, geralmente, não aparece no espanhol falado, conforme Gutiérrez Araus (1997). Partindo do pressuposto de que a língua é dinâmica e heterogênea, nos deparamos com a impossibilidade de analisá-la em sua totalidade. Nesse sentido, não temos a pretensão de afirmar que o *corpus* selecionado para esta pesquisa representa como a língua espanhola é utilizada nos diversos contextos de interação verbal. Selecionamos o *corpus* com o objetivo de, a partir dele, analisar a expressão do passado imperfectivo e apresentar tendências de uso, sem apontarmos generalizações de uso das formas analisadas, para outros contextos. Para

cada comarca, selecionamos quatro narrativas. O volume textual de cada conto selecionado é de, aproximadamente, 8 a 10 páginas, perfazendo um *corpus* que tem, em média, de 30 a 40 páginas por comarca cultural. Vejamos, então, o *corpus* selecionado:

Caribe:	PIÑERA, Virgilio. El que vino a salvarme. <b>In: El que vino a salvarme.</b> Madrid: Cátedra, 2008. _____. Unos cuantos niños. <b>In: El que vino a salvarme.</b> Madrid: Cátedra, 2008. _____. Unas cuantas cervezas. <b>In: El que vino a salvarme.</b> Madrid: Cátedra, 2008. _____. El enemigo. <b>In: El que vino a salvarme.</b> Madrid: Cátedra, 2008.
México e América Central:	RULFO, Juan. El llano en llamas. <b>In: El llano en llamas.</b> Madrid: Editorial Planeta, 2007. _____. Acuérdate. <b>In: El llano en llamas.</b> Madrid: Editorial Planeta, 2007. _____. La noche que lo dejaron solo. <b>In: El llano en llamas.</b> Madrid: Editorial Planeta, 2007. _____. Diles que no me maten. <b>In: El llano en llamas.</b> Madrid: Editorial Planeta, 2007.
Andes:	MÁRQUEZ, Gabriel García. La santa. <b>In: Doce cuentos peregrinos.</b> 17ª edição. Buenos Aires: Debolsillo, 2010. _____. Me alquilo para soñar. <b>In: Doce cuentos peregrinos.</b> 17ª edição. Buenos Aires: Debolsillo, 2010. _____. Sóloviene a hablar por teléfono. <b>In: Doce cuentos peregrinos.</b> 17ª edição. Buenos Aires: Debolsillo, 2010. _____. El verano feliz de la señora Forbes. <b>In: Doce cuentos peregrinos.</b> 17ª edição. Buenos Aires: Debolsillo, 2010.
Rio da Prata:	CORTÁZAR, Julio. Las armas secretas. <b>In: Cuentos completos 1.</b> 2ª edição. Buenos Aires: Punto de lectura, 2008. _____. El móvil. <b>In: Cuentos completos 1.</b> 2ª edição. Buenos Aires: Punto de lectura, 2008. _____. Las puertas del cielo. <b>In: Cuentos completos 1.</b> 2ª edição. Buenos Aires: Punto de lectura, 2008. _____. Bruja. <b>In: Cuentos completos 1.</b> 2ª edição. Buenos Aires: Punto de lectura, 2008.
Chile:	BOLAÑO, Roberto. Llamadas telefónicas. <b>In: Llamadas telefónicas.</b> Barcelona: Editorial Anagrama, 1997. _____. La nieve. <b>In: Llamadas telefónicas.</b> Barcelona: Editorial Anagrama, 1997. _____. Una aventura literaria. <b>In: Llamadas telefónicas.</b> Barcelona: Editorial Anagrama, 1997. _____. Clara. <b>In: Llamadas telefónicas.</b> Barcelona: Editorial Anagrama, 1997.
Espanha:	CELA, Camilo José. Noventa minutos de rebotica. <b>In: Cuentos Madrileños.</b> Padilla, Jose Montero. Madrid: Editorial Castalia. S.A., 2002. _____. Marcelo Brito. <b>In: El cuento español 1940-1980.</b> PÉREZ, Óscar Barrero. Madrid: Editorial Castalia. S.A., 1989. _____. La eterna canción. <b>In: Cuentos para leer después del baño.</b> CORRALES, J. Barcelona: Ediciones Juan Granica. S.A., 1987. _____. Claudius, profesor de idiomas. <b>In: Cuentos para leer después del baño.</b> CORRALES, J. Barcelona: Ediciones Juan Granica. S.A., 1987.

**Quadro 1: Corpus selecionado por comarca cultural**

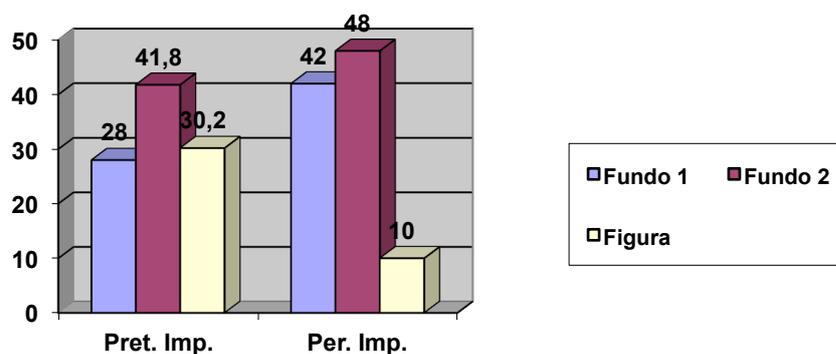
## 5 Planos discursivos: atuação das formas imperfectivas

Nesta seção, analisamos a relação entre os planos figura e fundo presentes nos contos literários e as formas do pretérito imperfeito e das perífrases imperfectivas de passado. A análise de figura e fundo tenta dar conta de uma questão pragmático-discursiva elementar: em uma dada situação comunicativa, sempre há informações mais relevantes que outras. Se isso ocorre, como se dá a codificação, mais especificamente, como as formas, nas quais estamos interessados (imperfeito e perífrases imperfectivas), aparecem na distribuição informativa no texto narrativo? Vejamos o exemplo a seguir:

- (1) Luego *volvíamos* la cara para poder ver otra vez hacia arriba y miramos las ramas bajas de los amoles que nos *dabantantita* sombra... /Logo *voltávamoso* rosto para cima para poder ver outra vez e vimos os ramos baixos dos amoles que nos *davam* um pouco de sombra.... (*El llanoenllamas* – Juan Rulfo)

Em (1), a forma verbal imperfetiva (*voltávamos*) indica a progressão da narrativa, logo, atua como *figura*. Em contrapartida, a forma imperfetiva (*davam*) aporta para a localização do cenário do fato narrado, portanto, configura-se como *fundo* da narrativa. No entanto, em muitos casos, é difícil delimitar com precisão o que é *figura* e o que é *fundo* na narrativa, pois não se trata de categorias discretas. Em nossa pesquisa, com o objetivo de verificar em quais contextos as formas imperfetivas atuam como fato central (*figura*) e como informação periférica (*fundo*), utilizamos a proposta de Chedier (2007). Vejamos, no gráfico a seguir, como se deu, nas narrativas que compõem o *corpus* de nossa pesquisa, a distribuição das formas verbais do pretérito imperfeito e das perífrases imperfetivas de passado.

**Gráfico 01: Ocorrência de formas imperfetivas no Plano Textual-Discursivo: Figura/Fundo**



Os resultados apresentados no gráfico acima confirmam que as formas imperfetivas também podem atuar como *figura*, já que 30,2% das formas de pretérito imperfeito e 10% das perífrases imperfetivas de passado desempenham um papel significativo na progressão dos eventos e nas ações desenvolvidas, nos diversos contos analisados, é o que se verifica no exemplo abaixo, em que a forma imperfetiva “*iam*”, contribui para a progressão cronológica dos eventos da narrativa. Portanto, atua como *figura* no plano narrativo. Nesse sentido, é oportuno discutir a teoria proposta por Hopper e Thompson (1980) para os planos discursivos na narrativa. Segundo os autores, as formas do pretérito perfeito simples e composto (Aspecto perfectivo) têm um papel significativo na progressão dos eventos e nas ações desenvolvidas. Por outro lado, as formas imperfetivas (Aspecto imperfectivo), segundo eles, são utilizadas, para descrever, comentar e apontar detalhes, ou seja, para fornecer elementos que dão sustentação à narrativa, atuando somente como *fundo*.

- (2) *Allíiban* lostres, conla mirada enelsuelo, tratando de aprovecharlapocaclaridad de lanoche/ Ali *iamos* três, com o olhar no chão, tratando de aproveitar a pouca claridade da noite. (*La noche que lodejaron solo* – Juan Rulfo)

No que tange aos percentuais das formas classificadas como *fundo* 1 (conforme as formas em negrito no exemplo 3 abaixo), verificamos menor ocorrência com dados do pretérito imperfeito: 505 formas, ou seja, 28,% do total das 1803 formas de pretérito imperfeito encontradas nas narrativas analisadas. Por outro lado, foram 122 ocorrências de perífrases imperfetivas de passado, 42% do total de 290 formas de perífrases que compõem o

*corpus* analisado. Verificamos, também, menor ocorrência de formas classificadas como fundo 2 com dados do pretérito imperfeito (conforme as formas em negrito no exemplo 4 abaixo): 754 formas, ou seja, 41,8% do total das 1803 formas de pretérito imperfeito. Por outro lado, há 139 ocorrências de perífrases imperfectivas de passado, 48% do total de formas perifrásticas.

- (3) *Ayer llovía*, hoy hubo sol, *ayer estaba* triste, hoy va a venir Michele./ Ontem *chovia*, hoje fez sol, ontem *estava* triste, hoje virá Michele. (*Las armas secretas* – Julio Cortázar)
- (4)...comprendí que *necesitaba* mi amistad, la amistad de cualquiera. Pero yo no *estaba* en condiciones de brindarle ese consuelo. /... comprendí que *necesitava* de minha amizade, da amizade de qualquerum. Mas eu não *estava* em condições de brindar-lhe com esse consolo. (*Clara* – Roberto Bolaño)

Os resultados obtidos em nossa pesquisa ratificam que as formas imperfectivas podem atuar na progressão da narrativa. O narrador pode fazer uso de uma forma imperfectiva, por exemplo, para dar um efeito de lentificação da ação ou, ainda, de suspense na narrativa. Vejamos um exemplo:

- (5) Ahora *esgrimía* una navaja e iba *inclinando* lentamente el cuerpo mientras me *miraba* fijamente. / Agora *esgrimia* uma navalha e ia *inclinando* lentamente o corpo enquanto me *olhava* fixamente. (*El que vino a salvarme* – Virgilio Piñera)

Nossos dados ratificam as considerações de García Fernández (2004), Bertinetto (1986), Gutiérrez Araus (1997), ou seja, houve especialização das formas imperfectivas, passaram a ter seus contextos de uso ampliados, o que, por sua vez, ocasionou aumento na frequência de uso dessas formas na narração, pois além da descrição de personagens e do cenário, as formas imperfectivas passaram a atuar, também, para a progressão da narrativa e, por conta disso, assumiram novas funções (lentificação da ação, frutração de uma ação iminente, habitual, etc). No entanto, de acordo com Gutiérrez Araus (1997), é difícil explicar de forma satisfatória o emprego do imperfeito narrativo, pois este uso, geralmente, não aparece no espanhol falado, restringe-se às narrativas escritas. Segundo a autora, na linguagem literária, utilizam-se as formas imperfectivas na progressão das ações da narrativa, quando se quer enfatizar uma determinada ação. Nesse sentido, o autor rompe a norma, com o objetivo de captar a atenção do leitor, e emprega uma forma imperfectiva no lugar de uma perfectiva.

Pontes (2009), em sua pesquisa com narrativas produzidas por estudantes universitários brasileiros aprendizes de espanhol, também destaca que formas imperfectivas podem indicar progressão na narrativa e que formas perfectivas podem figurar em circunstâncias secundárias, portanto, como pano de fundo. Vejamos um exemplo de nosso *corpus*:

- (6) ... Esteban *cerraba* la puerta./ Esteban *fechava* a porta. (*Bruja* – Julio Cortázar)

Nesse exemplo, a forma no pretérito imperfeito denota uma ação pontual inerente, ou seja, Esteban fechava a porta, naquele dado momento, não houve nenhuma fase de transição ou duração para estas ações. Por outro lado, essa ação apresenta-se como inacabada e contribui para a progressão da trama. Além disso, constitui um recurso utilizado na narrativa para conferir uma atmosfera de suspense. Podemos deduzir, então, que, como já foi dito, as formas imperfectivas podem atuar como figura.

No que tange ao mapeamento funcional das formas imperfectivas de passado, encontramos: a) funções codificadas por uma forma (contexto categórico): cortesia, contrariedade, iteratividade, futuridade, presente, simultaneidade e lúdica;

b) funções em que há variação (competição entre o pretérito imperfeito e a forma perifrástica): narrativa, descritiva, habitual e desejo. Na próxima seção, analisaremos as funções codificadas variavelmente pelo pretérito imperfeito e por perífrases imperfectivas de passado em espanhol.

## 6 Correlação entre relevo discursivo e funções codificadas variavelmente pelo pretérito imperfeito e por perífrases imperfectivas

Considerando-se que as perífrases imperfectivas de passado e o pretérito imperfeito do indicativo, com base no conceito de regra variável proposto por Labov (1978)<sup>4</sup>, estão em variação, decidimos analisar a competição entre essas formas no *corpus* selecionado para esta pesquisa. Nesse sentido, além de explicitar a regra variável, objetivamos analisar o relevo discursivo como motivação para a ocorrência de uma ou outra forma. Para alcançarmos tal intento, recorreremos à análise estatística e utilizamos o programa GOLDVARB (2005), do pacote computacional denominado VARBRUL. Por meio desse aparato da estatística, obtivemos os cálculos de frequência das formas sob análise e os pesos relativos dos fatores elencados como possíveis condicionamentos para o imperfeito e para as perífrases. Nas rodadas estatísticas, consideramos o pretérito imperfeito do indicativo como aplicação da regra para as funções descritiva e narrativa, ou seja, como a forma esperada para a codificação da função analisada, e a perífrase imperfectiva para as funções habitual e desiderativa, pois, nas duas primeiras funções, as formas de pretérito imperfeito foram mais recorrentes, assim como, nas duas últimas, obtivemos mais a forma perifrástica.

A função descritiva, geralmente, está associada ao fundo da narrativa, ou seja, as formas imperfectivas são utilizadas para descrever, comentar e apontar detalhes. Por meio desta função, o narrador dá sustentação à narrativa, utilizando as formas imperfectivas, neste contexto, como fundo para os acontecimentos que serão narrados. Nesta função, obtivemos 676 formas de pretérito imperfeito e 32 formas de perífrases imperfectivas de passado. Vejamos dois exemplos que ilustram a variação entre as formas imperfectivas de passado, na codificação da função descritiva e, na sequência, na tabela 01, os resultados atrelados ao relevo discursivo.

(7) Entonces entró en su casa, que *era* verdaderamente hermosa./Então, entrou em sua casa, que *era* verdadeiramente bonita. (*Bruja* – Julio Cortázar)

(8) ... se llamaba Esteban, jamás *quería salir* de la casa./... se chamava Esteban, jamais *queria sair* da casa. (*Bruja*– Julio Cortázar)

**Tabela 01 – Atuação do relevo discursivo no uso do pret. imperfeito versus a perífrase imperfectiva na codificação da função descritiva.**

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
Fundo 1	645/670	96,3	0.444
Fundo 2	31/38	81,6	0.981

O fundo 2 se associa ao pretérito imperfeito do indicativo com um peso bem significativo (0.981). O fundo 1, por sua vez, apresentou-se pouco significativo para a ocorrência de formas do pretérito imperfeito, com peso (0.444). Na função descritiva, não encontramos dados associados à figura, pois as descrições compõem o fundo do texto narrativo, conforme Hopper e Thompson (1980).

<sup>4</sup> De acordo com Labov (1978), duas ou mais formas que, necessariamente, têm o mesmo valor de verdade no mesmo contexto, ou seja, portam o mesmo significado referencial, constituem uma regra variável.

O princípio de marcação<sup>5</sup> atua na correlação entre as formas imperfectivas de passado e o relevo discursivo. O fundo 2 apresenta cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo, que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade. Logo, é mais complexo estruturalmente e cognitivamente, pois demanda maior esforço de processamento do que o fundo 1, que está mais próximo da figura e apenas apresenta ou resume o que vai ser relatado; o cenário e os participantes; e a fala dos personagens. Nesse sentido, há a relação entre a forma menos marcada e a situação mais marcada: o pretérito imperfeito do indicativo (forma menos marcada do que as perífrases) com o fundo 2 (contexto marcado).

Para a função narrativa, conforme exemplos a seguir, encontramos 644 formas de pretérito imperfeito e 27 formas de perífrases imperfectivas de passado.

- (9) *Allíbanlostres, conla mirada enelsuelo, tratando de aprovecharlapocaclearidad de lanoche/ Ali iam os três, com o olhar no chão, tratando de aproveitar a pouca claridade da noite. (La noche que lodejaron solo – Juan Rulfo)*
- (10) *... proseguíaviviendo, pero al mismotiempoempezaba a morirme. / ...proseguia vivendo, mas ao mesmo tempo eu começava a morrer. (El que vino a salvarme – VirgilioPiñera)*

No exemplo 9, o narrador utiliza a forma imperfectiva, para conferir um caráter de lentificação ao ritmo da viagem, no período da noite. Já no exemplo 10, há o relato do iniciado processo de mortificação do protagonista. Neste caso, o uso de formas imperfectivas contribui para a configuração de uma atmosfera de suspense, na trama narrada.

Os pesos relativos, na tabela 02 a seguir, evidenciam alto favorecimento por parte do plano discursivo figura para a ocorrência de formas do pretérito imperfeito do indicativo, com peso relativo 0.868. Por outro lado, no fundo 1, há uma forte restrição para o uso desta forma, com peso relativo 0.003. O critério de complexidade estrutural (de acordo com o princípio da marcação) pressupõe que o plano discursivo figura é marcado em relação ao fundo 1, já que este está mais próximo da figura e apresenta apenas algumas características do fundo, logo, é mais simples estruturalmente que a figura, conforme Chedier (2007). Vale destacar, ainda, que a figura é o contexto marcado para a imperfectividade e, de acordo com Givón (1995), a marcação é contextual; nesse caso entre figura e fundo 1, consideramos a figura como contexto marcado. De acordo com Givón (1991, p. 38), na concepção do princípio meta-cônico de marcação: “categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem a ser substantivamente mais marcadas”. Considerando, ainda, que, na expressão do passado imperfectivo em espanhol, há uma forma estruturalmente mais marcada (perífrase) do que a outra (pretérito imperfeito do indicativo) e, também, com base nos resultados fornecidos pelo programa estatístico, em uma análise multivariada, podemos verificar que os resultados dos pesos relativos corroboram o princípio de expressividade retórica proposto por Dubois e Votre (1994). Conforme os autores, um procedimento discursivo marcado tende a reduzir ou eliminar o esforço de codificação. Nesse sentido, formas marcadas podem ocorrer em contextos menos marcados, e formas menos marcadas podem estar presentes em contextos mais marcados. Logo, teríamos o equilíbrio cognitivo contextual, ou seja, o pretérito imperfeito do indicativo (estrutura menos marcada), que é considerado como estrutura mais simples em relação às perífrases imperfectivas, tende a aparecer no plano discursivo figura (contexto marcado em relação ao fundo 1).

<sup>5</sup>Givón (1990, p. 947) apresenta três critérios para se avaliar a marcação: (i) Complexidade estrutural - a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não-marcada; (ii) Distribuição de frequência - a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não-marcada; (iii) Complexidade cognitiva - a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento do que a não-marcada.

**Tabela 02 – Atuação do relevo discursivo no uso do pret. imperfeito versus a perífrase imperfectiva na codificação da função narrativa.**

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
<b>Figura</b>	485/504	96,2	0.868
<b>Fundo1</b>	159/167	95,2	0.003

Na função habitual, consideramos as perífrases imperfectivas de passado como regra de aplicação, pois obtivemos mais ocorrências dessas formas: 97 dados contra 29 de pretérito imperfeito. Vejamos dois exemplos que ilustram essa função.

- (11) *Solía soñar* con ratas, solía oír las por la noche en su cuarto, y durante meses... / *Costumava sonhar* com ratos, costumava ouvi-los à noite em seu quarto, e durante meses... (Clara – Roberto Bolaño)
- (12) *Ese vicio solitario se hacía* aún más solitario. / *Esse vício solitário ficava* ainda mais solitário. (El enemigo – Virgilio Piñera)

Deter-nos-emos, agora, nos valores percentuais atrelados ao relevo discursivo, conforme tabela 03 a seguir, que evidenciam maior ocorrência de formas imperfectivas de passado no fundo 2. A seguir, há o fundo 1 e, por último, temos o plano figura. Percebemos que a distribuição das perífrases se dá de forma equilibrada nos três planos discursivos.

**Tabela 03 – Ocorrência de perífrases imperfectivas na função habitual de acordo com o relevo discursivo.<sup>6</sup>**

Fatores	Aplicação/Total	Percentual
<b>Figura</b>	11/15	73,3
<b>Fundo 1</b>	20/26	76,9
<b>Fundo 2</b>	66/85	77,6

Na função desiderativa, amalgamamos o fundo 1 com o fundo 2, para eliminar um nocaute<sup>7</sup> no fundo 1, e consideramos a perífrase imperfectiva de passado como regra de aplicação, pois obtivemos mais ocorrências dessa forma: encontramos 113 dados de perífrases imperfectivas de passado e 56 de pretérito imperfeito. Vejamos dois exemplos ilustrativos, seguidos dos resultados estatísticos.

- (13) *Integró* una biblioteca convolúmenes rosa, *tuvocasi* todos los discos de Pedro Vargas y algunos de Elvira Ríos; *llegó* un momento en que *yapocodeseaba*. / *Integrou* uma biblioteca com volumes rosa, *teve* quase todos os discos de Pedro Vargas e alguns de Elvira Ríos; *chegou* um momento em que já pouco *desejava*. (Bruja – Julio Cortázar)
- (14) *Era bello, fino, se llamaba* Esteban, *jamás* quería salir de la casa: *así tenía que ser*. / *Era* belo, fino, *se chamava* Esteban, *jamais* queria sair da casa: *assim tinha que ser*. (Bruja – Julio Cortázar)

<sup>6</sup> Para esta tabela, não apresentamos pesos relativos, em virtude de o programa GOLDVARB não ter selecionado o grupo de fatores ‘relevo discursivo’ como estatisticamente significativo para a variação entre imperfeito e perífrases na função habitual.

<sup>7</sup> Nocaute é o termo usado para um contexto em que se encontra realização categórica.

**Tabela 04 – Atuação do relevo discursivo no uso da perífrase imperfectiva versus o pret. imperfecto na codificação da função desiderativa.**

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso Relativo
<b>Figura</b>	1/20	5,0	0.000
<b>Fundo</b>	112/149	75,2	0.844

A partir dos pesos relativos obtidos, podemos verificar que, no plano discursivo fundo, há maior recorrência de perífrases imperfectivas de passado, com peso relativo 0.844, fato que não se repete com a figura, pois o peso relativo é 0.000, ou seja, nesse plano discurso, praticamente, não há a forma perifrástica, encontramos apenas uma ocorrência. Temos um nocaute negativo, o que indica que a regra de variação, possivelmente, nunca será aplicada no contexto desse fator, ou seja, no plano da figura.

Tomando por base o princípio da marcação, podemos tecer as seguintes considerações: a) na figura, as perífrases imperfectivas são mais marcadas, pois apresentam maior complexidade estrutural, já que são estruturas maiores e, por isso, tendem a ser mais complexas também cognitivamente, pois demandam maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento. Por conta disso, são menos frequentes do que o elemento não marcado, ou seja, o pretérito imperfecto do indicativo; b) no fundo, as perífrases imperfectivas de passado (formas marcadas) são mais recorrentes do que a forma não-marcada, no caso, o pretérito imperfecto do indicativo. Vale destacar que este contexto é mais marcado em relação ao plano discursivo figura, por conta disso, apresenta formas mais complexas.

## 7 Considerações finais

Considerando a correlação entre os postulados teóricos e os resultados obtidos relacionados às funções analisadas, é oportuno que repensemos o papel da imperfectividade atrelada ao fundo da narrativa, ou seja, é necessário que não fiquemos limitados à correlação clássica entre figura-formas perfectivas e fundo-formas imperfectivas, já que a literatura existente sobre o tema fala em tendências de uso das formas imperfectivas como fundo, não negando categoricamente que usos diferentes (como figura, por exemplo) possam ser identificados na língua em uso, inclusive, obtivemos um alto favorecimento por parte do plano discursivo figura para a ocorrência de formas do pretérito imperfecto do indicativo, na função narrativa, com peso relativo 0.868.

Além disso, é importante considerar os usos das formas imperfectivas que contribuem para a progressão da narrativa, tais como lentificação da ação, frustração iminente da ação, habitualidade etc. Diante das considerações ora apresentadas, propomos a reformulação da relação figura e fundo, no sentido de analisar a imperfectividade<sup>8</sup> não mais atrelada a formas, mas a um domínio funcional<sup>9</sup> que pode estar presente nos dois planos da narrativa: a) Figura: formas perfectivas com função perfectiva ou imperfectiva e usos especializados das formas imperfectivas que contribuem para a progressão da narrativa; b) Fundo 1 e 2: formas verbais imperfectivas que dão suporte para os fatos a serem narrados.

<sup>8</sup> Macrodomínio funcional caracterizado por ter limites implícitos, por não ser dêitico e por representar situações em progresso (ações dinâmicas) ou configuradas em sua existência (estado).

<sup>9</sup> Este termo é empregado no sentido proposto por Givón (1984) para domínio funcional, ou seja, corresponde às áreas funcionais que compõem a gramática, que podem se referir a áreas funcionais gerais (ou macrodomínios), como TAM (tempo/ aspecto/ modalidade), caso, referência, ou a áreas mais estritas (microdomínios), como o tempo futuro, o sujeito, a dêixis, a especificação nominal etc.

**REFERÊNCIAS**

- ALCINA, J.; BLECUA, J.M. *Gramática española*. Barcelona: Ariel, 1975.
- BELLO, A. *Gramática de la lengua castellana*. Buenos Aires: Sopena, 1847.
- BERTINETTO, Pier Marco. *Tempo, aspetto e azione nel verbo italiano. Il sistema dell'indicativo*, Florencia: L'Accademia della Crusca. 1986.
- BYBEE, JOAN. Cognitive Process in grammaticalization. In: TOMASELLO, M. *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. v.2. New Jersey/London: Lawrence Erlbaum, p. 145-167. 2003.
- BRUCAT, José M. El valor del imperfecto de indicativo en español. In: *Primer Congreso Internacional de la Asociación Coreana de Hispanistas*. Chonbuk: Universidad Nacional de Chonbuk, 2001.
- CANO, Rafael A. *Historia de la lengua española*. 2ª Edición. Barcelona: Editorial Ariel, 2005.
- CHEDIER, Carolina Moreira. *Perfil de figura/fundo em crianças com e sem queixas escolares*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- COMRIE, Bernard. *Tense* (4 ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- DUBOIS, S.; VOTRE, Sebastião Josué. *Análise modular e principios subjacentes do funcionamento linguístico: a procura da essência da linguagem*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- GARCÉS, María Pilar. *Las formas verbales en español valores y usos*. Madrid: Editorial Verbum, 1997.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis. El pretérito imperfecto: repaso histórico y bibliográfico. In: Ed. L. García Fernández y B. Camus Bergareche. *El pretérito imperfecto*. Madrid: Gredos, 2004.
- GIVÓN, Talmy. Tense-Aspect-Modality. In: *Syntax: a functional-typological introduction*. v.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984. p. 269-320.
- \_\_\_\_\_. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Functionalism and grammar: a prospectus*. University of Oregon, 1991a.
- \_\_\_\_\_. Verbal Inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. In: *English Grammar: a functional-based introduction*. Vol I e II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Syntax: an introduction*. Amsterdam: J. Benjamins, 2001.
- GUTIÉRREZ ARAUS, L. M. *Formas temporales del pasado en indicativo*. Madrid: Arco/Libros, 1997.
- HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. In: Givón, Thomas (Org). *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- HOPPER, P.; S. THOMPSON. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, vol. 56, nº 2: pp. 251-299, 1980.
- LABOV, William. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Sociolinguistic Working Paper*, 44. Texas, 1978.
- LIMA, Maria Claudete. *A não-atribuição de causalidade na crônica geral de Espanha de 1344*. Tese (Doutorado em Linguística) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- MATTE BON, F. *Gramática comunicativa del español*. Tomo I: De la lengua a la idea. Madrid: Edelsa, 2003.
- MUÑOZ, D. y G. SOTO. Construcciones medias de alta transitividad en el español: un enfoque cognitivo-discursivo. *Lenguas modernas*, 2000, vol. 27-26: pp. 185-208.
- PEZATTI, Erotilde Goreti. O Funcionalismo em Linguística. In: *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. v.3. São Paulo: Editora Cortez, 2004. p. 165-218.

PONTES, Valdecy de Oliveira. *O uso dos pretéritos perfeito (simples e composto) e imperfeito do indicativo em narrativas escritas em espanhol por aprendizes brasileiros em formação docente universitária: uma análise funcionalista*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Curso de Pós-graduação em Linguística Aplicada. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009. 119p.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1982, 305p.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 2009.

RUIZ CAMPILLO, J. P. *Instrucción indefinida, aprendizaje imperfecto. Para una gestión operativa del contraste imperfecto / indefinido en clase*. *Mosaico*, 15, p. 9-17. 2005.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A. & SMITH, E. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005.

SILVA, Gezenira Rodrigues. *O aspecto verbal nas formas simples dos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo no Português culto de Fortaleza: uma abordagem semântico-discursiva*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SILVA, Iandra Maria da. *As voltas que o modo dá: parâmetros funcionais da alternância indicativo/subjuntivo em espanhol*. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SILVEIRA, Elisabeth. *O aluno entende o que se diz na escola*. Rio de Janeiro: Ed. Dunya, 1997.

WEINRICH, H. *Le temps*. Paris: Seuil, 1973.